

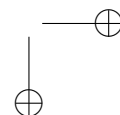
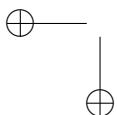
modos de bem pensar. Ao visitar os meus livros de lógica pretendo invocar o espírito da clareza conceptual, das frases bem formadas e do pensamento ordenado neste adeus aos livros. No fim de contas este é um adeus em forma de livro. Que seja então um livro lógico, bem ordenado e cheio de sentido.

Os meus livros de lógica rondam os cerca de 40 volumes, e a história desses livros está ligada à frequência que fiz das cadeiras anuais de Lógica I e de Lógica II, leccionadas em 1975-76 e em 1976-77 por Manuel Lourenço, o já conhecido poeta M. S. Lourenço, referido na *História da Literatura Portuguesa* de Óscar Lopes e de António José Saraiva.

2.1.1 Lógica e poesia com M. S. Lourenço

Foi em pleno PREC, entre o Verão quente de 1975 e o 25 de Novembro, que Manuel Lourenço começou a leccionar na Faculdade de Letras. Vinha da Califórnia e o seu visual era o de um *hippie*. Parecia o John Lennon de Yoko Ono, de barba e cabelo compridos, com óculos de aros redondos. Vestia uma camisola interior branca, *jeans* rotos e remendados, e trazia dependurado de um ombro uma sacola de pano. No meio de um ambiente revolucionário de tintas marxistas e de escaramuças entre UECs e MRPPs, Manuel Lourenço era a imagem *rediviva* de Woodstock.

Sempre assíduo e pontual, numa época em que os professores faltavam imenso, e quando vinham era geralmente com muito atraso, Manuel Lourenço dava 3 vezes por semana a sua aula de lógica de uma hora. Trazia sempre a matéria escrita em 3 a 6 folhas A4, que copiava para o quadro negro. Nós copiávamos as fórmulas atrás de fórmulas que ele ia escrevendo a giz com a mão direita e apagando com a esponja na mão esquerda. Ao mesmo tempo ia ditando em voz alta aquilo que escrevia. Não havia tempo para conversas revolucionárias ou de outro tipo, como era usual na época, era apenas a lógica matemática. No final da aula cedia-nos as folhas A4 para



fotocopiarmos. São essas fotocópias que mandei encadernar suntuosamente depois e que constituem hoje um dos meus tesouros bibliográficos. O primeiro volume, o curso de 75-76, compreende 169 páginas e o segundo, o de 76-77, 269 páginas. Coloco aqui uma imagem da metade superior de uma folha do 1º volume.

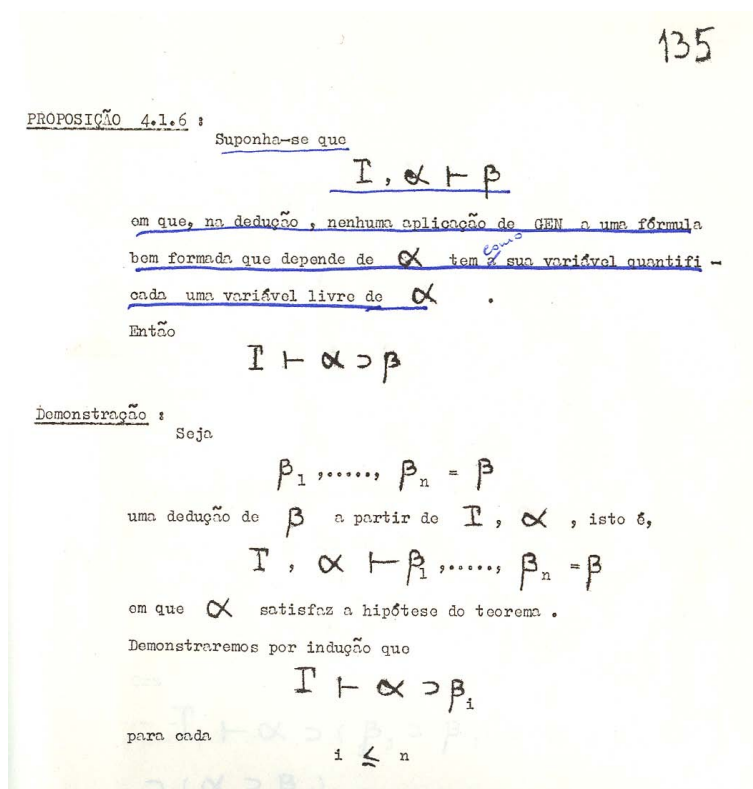
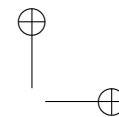
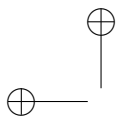


Figura 2.1: Manuel Lourenço, *Introdução à Lógica*, 1976

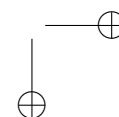
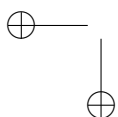
Se a cadeira tinha ao princípio muitos alunos, depressa deixou de ter. Passadas algumas aulas ficámos reduzidos a um núcleo de dez pessoas. Penso que fomos menos de meia dúzia a terminar Lógica II. A aridez e o esforço eram demasiada areia para as almas revolucioná-

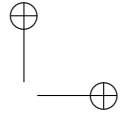
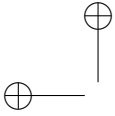


rias dos estudantes. Foi logo no ano seguinte que houve uma revolta. A cadeira de Lógica I passou a obrigatória e os estudantes eram tantos que era leccionada no Anfiteatro I. Aí rejeitaram em peso a lógica capitalista que Manuel Lourenço lhes queria ensinar; desejavam sim uma lógica revolucionária. O comentário de Lourenço à reivindicação massiva dos alunos foi de que a lógica ensinada na União Soviética era a mesma dada nas universidades americanas. Creio que rapidamente deixou de ensinar essa disciplina obrigatória.

Em Lógica I aprendemos durante uma boa parte do ano a fazer cálculo proposicional. O manejo de tabelas de verdade, de conjunções, disjunções e condicionais, converteu-se numa excelente mais valia para as outras cadeiras. Nesse ano de 75 também começou a leccionar no curso de Filosofia o saudoso Fernando Gil, e lembro-me de uma vez ter feito um brilharete na sua disciplina de Filosofia Analítica com a minha destreza em tabelas de verdade, quase chinês para os outros estudantes. Com tudo isso, e fazendo-se nessa altura as disciplinas com trabalhos, acabei por fazer Filosofia Antiga, leccionada por Carlos Silva, e Filosofia Medieval, pelo Pe Cerqueira Gonçalves, com trabalhos de lógica, um sobre Teorias da Quantificação na Lógica de Aristóteles e outro sobre Modos de Inferência na Lógica Medieval.

Importante para mim nessa altura foi o estudo, a certos passos aturado, do calhamaço *O Desenvolvimento da Lógica* da autoria do casal Kneale, William e Marta, traduzido por Manuel Lourenço e publicado na Fundação Calouste Gulbenkian. Curiosamente comprei-o em 9 Fevereiro de 1975, uns bons meses antes de conhecer pessoalmente o tradutor e sem saber sequer que iria ter com ele a disciplina de Lógica no curso de Filosofia. Obra compacta de 773 páginas oferece uma história geral da lógica e, durante a frequências das cadeiras de Lógica, por algumas vezes pedi a ajuda do tradutor e meu professor para me ajudar a compreender algumas passagens. Não era, porém, apenas a matéria do livro que me interessava, o tra-





balho e a disciplina envolvidos na tradução provocavam outrossim e aumentavam a minha admiração por Manuel Lourenço.

Como disse atrás, M. S. Lourenço era um poeta de nome feito. Óscar Lopes e António José Saraiva na 9ª edição da sua *História*, saída em 1976, corrigida e actualizada, situam a obra de M. S. Lourenço na corrente do *experimentalismo e empenhamento*, ao lado de nomes como Ernesto Melo e Castro, António Ramos Rosa e Herberto Helder, que lançavam mão de recursos como

o automatismo *surréaliste* e a exploração planeada de uma análise combinatória previamente aplicada às estruturas morfológicas e sintácticas, e todas as espécies de rima, às analogias verbais (homónimos, parónimos, anagramas) ou até simplesmente à distribuição visual dos espaços e dos caracteres gráficos...¹

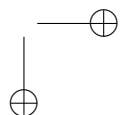
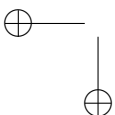
Particularmente, de Lourenço escrevem que

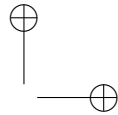
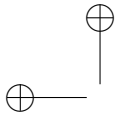
é um autor desconcertante, quer pela extrema irregularidade qualitativa da sua obra, onde não faltam momentos de completo acerto, quer pela intencional alternância, ou fusão, de processos e fontes: epigramas da mais elíptica sintaxe; evocações de certos ambientes históricos ou exóticos reconhecíveis, sumptuosos de imagens e raiados de absurdo, em prosa ou poema de larga respiração; paráfrases e justaposições de textos, com o sabor sugestivo e ao mesmo tempo evasivo de uma erudição deliciada à Ezra Pound.²

Ora foi logo no decorrer de 1976 que começou a correr entre os alunos de Lógica I o poema de M. S. Lourenço, publicado na revista *Colóquio Letras* de Janeiro desse ano, intitulado “O Sutra de Patricia Rimpoche”. Cito aqui alguns versos que à época nos entravam pela alma dentro e faziam de pelo menos alguns de nós autênticos admiradores do nosso professor de lógica.

¹ António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, pp. 1149-1150.

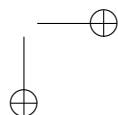
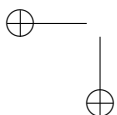
² *ibidem*, 1151.

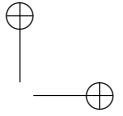
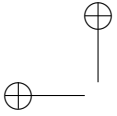




...
Aberto o universo inteiro, liso
O todo em movimento contínuo.
Está tudo nu, claro e livre.
Nada a alcançar, nada a realizar.
O centro aparece natural,
Está presente, simples,
Eterno, na consciência.
Dia após dia, sentado, ser
Apenas uma aceitação completa,
Uma abertura completa
A todas as situações e pessoas,
Numa experiência pessoal,
Sem reservas mentais,
Sem nunca nos recusarmos,
Sem nos vermos ao centro.
A consciência clara dói:
Abrir-se então à dor,
Total, recebendo-a intacta,
Queimando os filtros do hábito.
Sentado, expor-se por completo
Ao universo inteiro, em pêlo,
Como uma formiga, só.

...
Inútil tentar ser especial,
Praticar ou atingir o que seja.
Desligar o cabo que dizem levar
A uma tensão mais alta:
Só traz chuva artificial,
Ar condicionado, fio obstruído.
Pessoal todo puro e perfeito,
Ninguém está em pecado,
Ninguém é um merda,
Não nos falta nada.
Sentar-se é ofício diário,



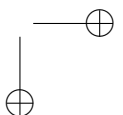
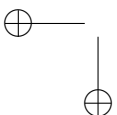


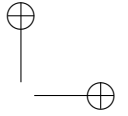
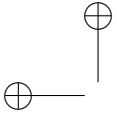
Como catar arroz ou respirar.
Mas sem pompa nem culto,
Nem sério nem esticado.
Sentar-se à balda,
Sem normas, sem querer ser livre.
No chão estamos sempre perfeitos,
Logo, nada a corrigir.
Não há pensamentos bons nem maus,
Só o espaço interior a vibrar.

...
Assim,
Tudo é novo debaixo do Sol,
Único, livre de passado, presente e futuro,
Na outra onda do tempo.
O choque da inspiração global,
A descarga contínua da corrente,
Rasga o cérebro em carne viva.
Instantânea, pois, a descoberta.
Mas o milagre é cagar de manhã,
Espontâneo, e limpar o cu à relva.

Tal como os dois últimos versos citados tinham o condão de se incrustar indelevelmente na memória, toda a poesia encarnava o espírito Siddahrta que à época fascinava os jovens. Tinha 20 anos e esta junção de lógica matemática e de poesia era verdadeiramente inebriante. Fazendo lógica, treinando cálculo proposicional, estudando os teoremas de Gödel, e lendo poesia obtinha-se uma sensação de eleito, qual jovem admitido na escola em que se aprendia *O Jogo das Pérolas de Vidro*, livro de Herman Hesse que então circulava entre alguns estudantes de filosofia como segredo e sinal da mais alta exclusividade intelectual.

Comprei então dois livros de poesia de M. S. Lourenço: *O Desequilibrista* (1960) e *Wytham Abbey* (1974), publicados na Moraes Editores. Sobretudo o segundo, um livrinho de 65 páginas, realinhava e reforçava a minha veia religiosa, ínsita por natureza e pela





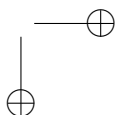
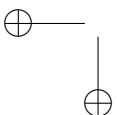
educação no seminário. A terceira parte do livro, o poema *Recapitulação*, dividido em 4 partes, era um exercício lógico-poético de cariz espiritual. Na breve introdução ao livro, ao fazer os agradecimentos, Lourenço escreve:

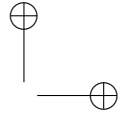
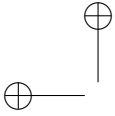
Com Larry Daressa discuti longamente a possibilidade e a natureza da experiência visionária; contudo nunca o consegui convencer da ideia essencial do poema, nomeadamente de que visão da face de Deus é o desenvolvimento de um drama.

O poema *Recapitulação* é um encadeamento fantástico de ideias e sons, servido por uma pontuação no meio da linha, que mal dá azo a respirarmos. Partindo da descrição crua de um acto (uma pedrada certa!), vai analisando este mais e mais, e em variações poéticas, sintácticas e semânticas, em espiral de sentidos, ao longo de 39 densas páginas, busca ouvir o “hápx legómenon” da luz pura do verbo interior.

Ergueu a mão, encontrou a pedra e atirou-lha
À cabeça. Um fio de sangue recomeçou a correr
E uma forma tão conspícua de violência
Deixou-lhe erguer a mão, encontrar a pedra
E atirá-la à cabeça. O emprego da pedra
Pareceu-lhe escusado, com tantos outros objectos
Ao seu dispor e uma forma tão visível de violência,
Numa expressão ou noutra, era vista com desdém
E pessimismo e quando ergueu a mão,
Encontrou a pedra e a atirou à cabeça
Foi rápido. . . .

. . .
Atirar uma pedra à cabeça de outrém não é sempre
Um acto sem significado. Mas os significados,
Obviamente, diferem de caso para caso, de acordo
Com um princípio que não se pode enunciar sem
Recorrer ao emprego de uma expressão algébrica.
. . .





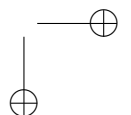
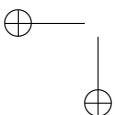
Atirou-lhe a cabeça, a pedra encontrou a mão
E ergueu-se. O pescoço saltou-lhe todo,
Para fora dos ombros, separando-se do tronco,
Com a cabeça a torrear o conjunto. Atirou-lhe,
Protuberante, a cabeça, a pedra encontrou a mão
E ergueu-se, como se a mão estivesse ali desde sempre,
Sob a forma de concha, sob a forma de ninho,
Separado do tronco. Um salto do pescoço
Para fora dos ombros e do chão à mão, a pedra
A anichar-se quente, a aconchegar-se funda,
Junto à pele, até deixar de rolar.

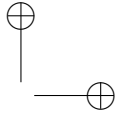
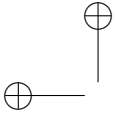
...

Atirando-lhe protuberante a cabeça,
A pedra encontrou a mão e ergueu-se,
Como se a mão estivesse ali desde sempre
Sob a forma de concha ou sob a forma de ninho.
O emprego de uma sinédoque, no entanto,
Torna óbvio que o lapso de tempo deve ser tomado
Com restrições, não vá supor-se a existência
Eterna da mão gesticulante. Quando a pedra
É personificada, o ténor da metáfora fica alto,
Numa significação arquetípica,
Cujo desenvolvimento soprano e natural
É encarar o ninho, ou, no baixo, a concha,
Como alusões genéticas. Atirando-lhe a cabeça
A pedra encontrou a mão que se ergueu,
Agitando uma onda de ar com o fim aparente
De a fazer regressar á sua posição de origem.

...

O ventre afagado, a estrela perdeu-se
E o pé abaixou-se até repousar imóvel.
E eis que um anjo desce em silêncio até à praia,
Fala a caminho da terra quente, ao encontro dos homens,
No grande alívio que sucede à colisão do sol
Com a noite ardente. Um anjo que urge





A que se entreguem inteiros e procura trazê-los,
Na fosforescência da noite,
Ao encontro e ao acordo manifesto para lá das estrelas,
A abrir olhos novos até ser possível ver
O corte glorioso da sua face branca.

...

Quando um anjo a caminho da terra,
Quente das últimas fogueiras da noite,
Como um hápax legómenon, fala da luz e do fogo.
O ventre afagado, a estrela perdeu-se
E o pé baixou-se. E ao reentrar o mundo,
A pele ainda quente da mão agora ausente,
O raio ardente de um alefa em ouro
Brilha na sua face branca,
Sem espinhos nem sangue, no instante
Em que o verbo interior se ilumina puro,
Quando um anjo passa a caminho da terra quente,
Depois da duna cónica à distância e reencontra-se
Branca a imagem perdida da sua face imóvel,
Com espinhos e sangue, a entregar-se inteira
Até rasgar as trevas do entendimento.

Sim, sim, sim, rasgar as trevas do entendimento era esse o esforço, o termo e o sentido da lógica e da poesia, numa junção espiritual e mística.

Aliás, se tenho falado tanto de poesia neste capítulo dedicado aos meus livros de lógica, é porque sentia que a clareza lógica era uma forma de pureza de alma. Consciente ou inconscientemente estudava lógica num espírito de purificação do entendimento e da alma. A figura tutelar era claramente Ludwig Wittgenstein, de cujos livros em minha posse falarei adiante.

